

GÍRIA: LINGUAGEM OU VOCABULÁRIO?

Alessandra Freitas da Silva
alefreitass@ig.com.br

RESUMO

A pesquisa aborda a importância da gíria na formação de verbetes e sua importância para a sociedade, apesar de ter sido e, em muitos momentos ainda é, discriminada por muitos, visto que a gíria geralmente é criada pela população mais carente.

Pesquisas demonstram que durante algum tempo, a gíria foi marginalizada pela sociedade, sendo usada apenas por presidiários, drogados, prostitutas, homossexuais e outros grupos que eram rejeitados e mal vistos perante a sociedade.

Nosso estudo pôde verificar também, a pouca importância dada à gíria quando estas passam a fazer parte do mundo dos dicionários, pois resistem ao tempo e se impõe como “verbetes”, no entanto essas gírias não têm uma terminologia definida entre os dicionários, visto que dão nomenclaturas distintas.

Para tanto, devido às influências dos meios de comunicações e modismos, a gíria vem tendo um papel lexical no Brasil, visto que neste século XXI todas as classes sociais e todas as idades usam a gíria.

Este trabalho tem por objetivo mostrar um pouco da história das gírias brasileiras, como estas eram vistas e como foram sendo aceitas pelos padrões sócio-econômicos, visto que, neste século, ricos e pobres usam gírias.

Muito embora quase todas as pessoas utilizem ou conheçam quem use gírias na sua comunicação diária, poucas conseguem estabelecer uma definição suficientemente precisa sobre o que é gíria e como ela se estrutura, se desenvolve e opera nos diferentes níveis sociais e nos contextos de fala em que é utilizada. Para tanto, Preti (1984, p. 67) aponta para uma compreensão de gíria em dois níveis: a “gíria de grupo”, de uso mais restrito, que se caracteriza como uma linguagem de identificação e de defesa, buscando comunicação e, ao mesmo tempo, a preservação de um grupo. E o segundo nível que é a “gíria comum”, amplamente difundida.

A língua varia no tempo e no espaço, e a gíria é uma dessas variações, pois são palavras que entram e saem da moda, de tempos em tempos, de acordo com um programa de TV, uma música, uma reportagem, um documentário etc.

Segundo Santos (2007, p. 13) existem fatores que podem facilitar a passagem de gíria para a língua comum. Como a língua é um sistema em constante evolução, algumas gírias comuns podem se tornar mais expressivas do que as palavras já cristalizadas dentro da língua comum, fazendo com que essas gírias, futuramente migrem para o âmbito da língua comum e tornem-se mais usuais do que as antigas formas, como por exemplo, *bronca* para *reprimenda*, *curtir* para *desfrutar*. Palavras estas, que encontramos nos dicionários, ou seja, passaram do estágio de

gírias para verbetes.

Palavras-chave: gíria, terminologia, tempo, evolução, classes sócio-econômicas

“a linguagem é um instrumento que serve para
[a intercomunicação”,
“a linguagem é um sistema de signos”,
“a linguagem é uma função social”,
“a linguagem é uma instituição social”,
“a linguagem é faculdade simbólica”,
“a linguagem é uma atividade do espírito”,
“a linguagem é criação perpétua.”
(Coseriu, 1982, p. 53)

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a influência das gírias no meio social.

Pesquisas demonstram que durante algum tempo, a gíria foi marginalizada pela sociedade, sendo usada apenas por presidiários, drogados, prostitutas, homossexuais e outros grupos que eram rejeitados e mal vistos perante a sociedade.

Com o passar do tempo, devido às influências dos meios de comunicações e modismos, a gíria vem tendo um papel lexical no Brasil, visto que neste século XXI todas as classes sociais e todas as idades usam a gíria. Neste caso levantamos a seguinte **questão problema**: Qual o papel da gíria na sociedade brasileira?

O presente trabalho tem por **objetivo** mostrar um pouco da história das gírias brasileiras, como estas eram vistas e como foram sendo aceitas pelos padrões sócio-econômicos, visto que, neste século, ricos e pobres usam gírias.

Muito embora quase todas as pessoas utilizem ou conheçam quem use gírias na sua comunicação diária, poucas conseguem estabelecer uma definição suficientemente precisa sobre o que é gíria e como ela se estrutura, se desenvolve e opera nos diferentes níveis sociais e nos contextos de fala em que é utilizada. Para tanto, Preti (1984, p. 67) aponta para uma compreensão de gíria em dois níveis: a “gíria de grupo”, de uso mais restrito, que se caracteriza como uma

linguagem de identificação e de defesa, buscando comunicação e, ao mesmo tempo, a preservação de um grupo. E o segundo nível que é a “gíria comum”, amplamente difundida.

A língua varia no tempo e no espaço, e a gíria é uma dessas variações, pois são palavras que entram e saem da moda, de tempos em tempos, de acordo com um programa de TV, uma música, uma reportagem, um documentário, etc.

Segundo Santos (2007, p. 13) existem fatores que podem facilitar a passagem de gíria para a língua comum. Como a língua é um sistema em constante evolução, algumas gírias comuns podem se tornar mais expressivas do que as palavras já cristalizadas dentro da língua comum, fazendo com que essas gírias, futuramente migrem para o âmbito da língua comum e tornem-se mais usuais do que as antigas formas, como por exemplo, *bronca* para *reprimenda*, *curtir* para *desfrutar*. Palavras estas, que encontramos nos dicionários, ou seja, passaram do estágio de gírias para verbetes.

Para tanto estabelecemos as seguintes **questões de estudo**:

- A Gíria
- A linguagem e suas variações.
- Gírias e fatores sociais:
 - Variação social
 - Variação geracional
- Qual é o critério usado para um vocabulário “gírio” ter nomenclatura de gíria no dicionário?

Este trabalho poderá servir de instrumento subsidiário para os docentes interessados em fornecer ao aluno um ensino descritivo-reflexivo sobre como usar a gíria no mundo contemporâneo.

A GÍRIA

A gíria incide, no português brasileiro, com muita frequência e intensidade, podendo ter grande importância para o léxico, e aguçar a intenção de descobrir como esta variação pode contribuir para o

fenômeno lexical.

O conceito de gíria para Nascentes (2003, p. 593) é de que esta aponta para o vocabulário especial dos criminosos, contrabandistas, vadios e outras pessoas de índole duvidosa. No entanto, estende-se ainda, à terminologia especial de uma classe, de uma profissão lícita, e, sobretudo ao conjunto de termos particulares, algumas vezes de caráter cômico, que são usadas pelos estudantes, atores, pintores, pedreiros, soldados, a mídia (que na época era apenas representada pelos tipógrafos).

A revista *Super Interessante* (1996) diz que explicar a palavra gíria é a maior “mão de obra”, pois ela é sinônimo de geringonça, que vem do espanhol *jerigonza*, ou ainda, *jerga*. Etimologistas acreditam que, por onomatopéia, *jerga* tenha nascido do verbo latino *garrere*, ou seja, tagarelar. Porém Silva (1996) lembra outra hipótese, pois a origem remota estaria no vocábulo grego *hierós*, que define o que é sagrado, oculto, visto que a gíria é usada para “disfarçar” a comunicação, já que se trata de um vocabulário de grupo. Lembremos, por exemplo, da gíria “cachorra” no *funk* brasileiro:

“... só as cachorra... hu.. hu.. humm
as popozuda... hu... hu... hu...
o baile todo...”

é usada em determinada situação com determinado sentido. No entanto, quando da gíria se prolifera, isto é, sai de um grupo e vai para a sociedade, pode até ser contestada, pode deixar de ser vista como gíria e passa a fazer parte da linguagem popular. Preti (1984, p. 67) diz que prefere usar o termo gíria de grupo específico. Gíria comum já é, de certo modo, uma negação da própria gíria, pois esta é, por natureza, uma linguagem secreta fechada. Embora seja um mecanismo de agressão/defesa, nem sempre os usuários usam códigos novos, quase sempre “reciclam”, pois as palavras são formadas de vocábulos simples, usados no cotidiano, por processo de composição e derivação, e por isso tem a facilidade de penetração na comunidade falante. A gíria é uma transição da vida das palavras: sai do vocabulário comum, vai para a linguagem de grupo, depois se desgasta, volta para a linguagem comum ou desaparece.

Esta também é pouco resistente ao tempo, tem muito a ver com a contemporaneidade, já que, o universo se renova rapidamente,

e a partir do momento em que fica muito conhecida, muda, ou seja, a aceitação em massa provém do dinamismo da modernidade, da velocidade das mudanças. Ao falarmos da resistência da gíria e o mundo contemporâneo, a *Folha Online*, de 31/12/2006, fez uma retrospectiva das gírias do ano de 2006, em que o próprio jornal deixa claro que as gírias ocorrem de acordo com os acontecimentos, quando diz: "Nunca antes neste país" se ouviu falar tanto em "desligar o transponder" e "destravar o Brasil". O ano termina recheado de expressões e palavras criadas, reveladas ou recicladas no calor dos acontecimentos, mas que, em muitos casos, parecem ter vindo para ficar”, baseando-nos nas gírias do texto da Folha, observamos que algumas gírias usadas em 2006 não são usada em 2008, como por exemplo, “desligar o transponder” ou “destravar o Brasil”, gírias criadas, em 2006, pelo fato de ter acontecido o maior acidente aéreo da história do país. No entanto nos parece uma gíria profissional, pois se trata da aviação, porém, essas gírias se propagaram, isto é, saíram do grupo profissional aéreo e se apresentaram a sociedade comum, se transformando em gíria comum, o que para Dino Preti, é chamada apenas de gíria.

Preti (*op. cit.*, 1984) diz que os grupos querem exclusividade, se todos conhecem ou usam é hora de mudar. Esgota-se como efeito expressivo e desaparece rapidamente. O autor, ainda afirma que os que duram mais como “legal”, podem durar 20 ou 30 anos, mas como palavra essa duração ainda é muito curta.

A gíria tem também a função de identificar as pessoas pela idade, quando usam uma gíria em desuso, o que demonstra a transformação constante no tempo e no espaço a que está sujeito o vocabulário. O quadro abaixo comprova que as gírias entram em desuso de acordo com meses, anos e décadas, veja:

Gírias dos anos 40: Balangandans (festas), brotinho (menina), chanchada (filme nacional), coqueluche (assunto do momento), fuzarca (confusão).

Anos 50: Bafafá (confusão), babeiro (mau motorista), chá de cadeira (espera demorada), fuzuê (confusão), paquera (namoro), uva (mulher bonita).

Anos 60: Bacana (bonito), cafona (feio), carango (carro), gamar (apaixonar-se), gata (mulher bonita), paca (muito), pelego (líder sindical governista), pra frente (moderno).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Anos 70: Bicho (amigo), biônico (político nomeado pelo governo), careta (pessoa conservadora), jóia (tudo bem), transar (amar), tutu (dinheiro).

Anos 80: Bode (mau humor), brega (feio), deprê (deprimido), economês (linguagem dos economistas), fio dental (biquíni), nossa (bom, ótimo), mina (garota).

Anos 90: Antenado (atento), azaração (namoro), boiola (homossexual), mala (chato), mauricinho (rapaz bem vestido), pagar mico (passar vexame), patricinha (menina bem vestida). (Cazarré, 1997).

Por ser considerada um conjunto de unidades lingüísticas (itens lexicais simples ou complexos, frases, interjeições...) que caracterizam os grupos sociais, a gíria nem sempre mereceu um estudo específico, pois faz parte da modalidade oral (informal), já que os estudiosos da época, valorizavam mais a modalidade escrita padrão. Até mesmo nos dicionários não há uma forma única de conceituar gíria. Por exemplo, O *Dicionário de Filologia e Gramática* de Mato Grosso Câmara (*apud* Filologia, 2003) diz que:

Gíria como sendo um vocábulo parasita de um grupo com preocupação de distinguir-se da grande comunidade falante. Este estudioso inclui a linguagem profissional dentro da gíria mas, como aquela é usada por uma classe “cultura”, ela não tem “qualquer intenção de chiste ou petulância”, que caracteriza a gíria de classes populares.

O dicionário Michaelis (2003, s.v.) trata a gíria como uma linguagem especial de uma classe ou uma profissão, ou ainda como uma linguagem de grupos marginalizados. O dicionário Aurélio (1999) usa a mesma definição do Michaelis, porém acrescenta que é uma “linguagem de malfeitores, malandros etc.” usada para não ser entendidos pelas outras pessoas, além de falar sobre o “calão” e “geringonça”, que Aurélio define como coisa mal feita e de duração ou estrutura precária. Já Machado (1990) no Dicionário etimológico da língua portuguesa, define gíria como sendo uma etimologia obscura e ainda diz que tem origem duvidosa. São usados termos genéricos para conceituar gírias e esta, no entanto, é confundida com jargão, mas segundo pesquisadores, a gíria abrange jargão, que é o vocabulário técnico de uma profissão, da mesma forma que gíria abrange calão, que é uma expressão lingüística grosseira e obscena.

No século XXI, o uso da gíria não causa tanta “confusão” em alguns setores da sociedade moderna, pois estes estão mais flexíveis e permitem que o vocabulário gírio seja usado opcionalmente, porém, que sejam didaticamente ensinados sobre como e onde usá-lo.

AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS
NO ÂMBITO DO VOCABULÁRIO GÍRIO

A necessidade que o homem tem de se comunicar, faz com que ele se adeqüe ao momento, a circunstância e ao lugar, visto que para ser compreendido por determinado grupo é imprescindível que este se comunique claramente, para tanto, Gardin (1975, p. 54)² afirma que:

A linguagem é tão velha como a consciência; a linguagem é consciência real, prática, que existe também para outros homens, e portanto existe também só para mim; exatamente como a consciência, a linguagem só surge com a necessidade, a exigência de relações com outros homens.

o autor ainda ressalta que “a linguagem é consciência real...” estabelece uma relação de causa, ou seja, o fato de usarmos a fala em grupos, origina a comunicação (“relação com outros homens”), fazendo com que o homem encontre meios na linguagem, para se fazer entender, de acordo com o grupo a que deseja ser compreendido.

Pesquisas históricas demonstram que a muitos séculos os homens vêm se adequando (linguisticamente) aos grupos sociais, e de acordo com Gardin (*Op. cit.*, p. 56), o princípio dessa mudança está relacionado às formações socioeconômicas, que influenciam a língua e explicam certos fenômenos lingüísticos. Para Williams (*apud Gardin*, 1975, p. 129) entre os numerosos fatores que contribuem para a produção e manutenção da pobreza, encontra-se: a forma da língua materna (...), o comportamento que direciona à pobreza econômica, educativa e social é aprendido, socializado na primeira infância (...), o déficit que conduz a pobreza é de conceitualização e elaboração lingüística.

A interpretação dos autores citados a cima, é um tanto quanto contraditória, visto que as letras de *funk*, geralmente compostas por moradores de guetos (ghetto/favela), no Brasil, são cantadas, e as gírias contidas nas letras, são faladas principalmente por adolescentes, tanto ricos (classe média alta) quanto pobres. No entanto, os jovens de classe média alta, que foram preparados desde a aquisição da linguagem para terem destreza ao falar, usam a mesma linguagem dos

² Há várias remissões a esse autor, mas seu nome foi omitido nas “Referências”.

jovens pobres de favela. A linguagem vem da informação, das danças do meio em que se vive, já que o vocabulário é um instrumento de uso social e varia de acordo com o momento. Rodrigues (*Op. cit* 2007) ainda ressalta que a palavra recebe de acordo com o meio a que é utilizada, uma gradação que vai da noção técnica, científica ou literária até as mais baixas expressões chulas ou gíria popular. Não se trata apenas de situação sócio-econômica, trata-se de educação, instrução e mobilidade lexical, servindo como meio de interação entre os discursos culturais dos sujeitos que compõem os meios sociais. Na “formação” de um grupo linguístico, encontramos diferentes tipos de pessoas, que “trocam idéias” (se comunicam) fazendo com que surjam palavras diferentes, para que se comuniquem em si. Os estudantes, por exemplo, “bolam” expressões que ficam de “molho” e servem de código exclusivo entre as tribos estudantis, até que alguém “veiaço” descobre e “bota a boca no trombone”, então, o “mano” percebe, o professor entende e os velhos “se ligam”, fazendo com que a nova palavra “caia na boca do povo”. O que pode acontecer é a gíria ser assimilada pela língua oficial e acabar no dicionário ou virar gíria de poucos e desaparecer.

O jornalista J.B. Serra Gurgel (2007) se a gíria não se propagasse, ela seria uma linguagem de grupos, facções, tribos. Essa mobilidade é que equilibra a sociedade brasileira, se não houvesse essa mobilidade certamente o brasileiro cordial teria virado obra de ficção. A gíria tem caráter democrático. Quando vira gíria comum, todos, até os mais arcaicos, aceitam e até usam-na, sem falar que a televisão, em novelas e publicidades, lança algumas expressões, como por exemplo, “né brinquedo não! da personagem D. Jura da novela *O Clone*, da Rede Globo de televisão, em 2002 ou o “Fala sério!”, da adolescente Paty, vivida por Eloísa Perissé, no programa *Zorra Total*, na Rede Globo de televisão, dentre outros que vão surgindo e acabam virando (jargão) ou gíria simplesmente.

Porém, contrariando Gardin, o autor diz que a mobilidade lexical é efeito e não causa. E que a gíria é recorrente de todas as classes, efeito por ser um ponto de partida para o surgimento lexical. O autor, ainda comenta que

A gíria, pode-se afirmar sem constrangimento, escrúpulos ou receios, ultrapassou os umbrais de um ghetto linguístico ou do underground da marginalidade linguística. Não entraria no esquecimento das causas

substantivas dessa inferência mas sem dúvida uma delas é o empobrecimento da língua, como conseqüência do baixo índice de instrução, de educação, de cultura e de civilização, no sentido intrínseco, de nosso povo. A gíria tornou-se, assim, um recurso disponível para que as pessoas pudessem de comunicar a se entender de foram mais direta, mais simples, mais ousada e mais permissiva, também.

Não importa se ricos, pobres, velhos, crianças, homens ou mulheres, o que acontece é que estamos no mundo das informações instantâneas, em que tudo acontece muito rápido, e a linguagem está acompanhando essa movimentação do mundo contemporâneo. Rodrigues (2007) ressalta que:

O segredo da economia da língua situa-se, em grande parte, na seleção e uso que se faz do material lingüístico que melhor se ajusta àquilo que se quer exprimir.

As condições em que a fala se produz tem viva influência sobre a forma que ela toma para atender às necessidades do momento. (Rodrigues, p. 1)

Hoje (século XXI), no Brasil, a gíria geralmente vem do *funk*, de documentários e programas de TV sobre os menos favorecidos e que vivem em favelas. Para Nascentes (2003, p. 597) diz que a gíria vem do morro. E ainda faz questão de explicar, para os menos familiarizados com as coisas cariocas, o que é morro ou favela. Nascentes conta que, os soldados que vieram da guerra dos Canudos, pediram licença ao Ministro da Guerra para se estabelecerem com suas famílias num morro chamado Providência, que lembrava um morro existente na região dos Canudos, com uma faveleira³, que é um arbusto da região dos Canudos, assim o nome do morro virou favela. No entanto, imitando os soldados, os pobres foram morar nos morros, construindo suas “casas” com tábuas e latas.

Nascentes (*op. cit.*, p. 598) ainda comenta que, assim como os sambas carnavalescos, as gírias (cariocas), também vêm da favela e se espalha por todo o Brasil, ajudados pela mídia. Anteriormente as gírias eram relacionadas, como já vimos, com grupos que eram mar-

³ Favela, faveleira, faveleiro ou mandioca-brava é um arbusto ou árvore da família das euforbiáceas, de ramos lenhosos, folhas repandas ou sinuosas e denteadas, flores brancas, em cimeiras, e cápsulas escuras, verrucosas, com sementes oleaginosas, de que se faz farinha rica em proteínas e sais minerais, nativa nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. [Nota do editor]

ginalizados pela sociedade, já que quem morava ou mora (a desigualdade não mudou muito no Brasil) na favela, em casebres de lata e tábuas, não tem sequer dinheiro para comprar um livro, quanto mais para se instruir, devido a isso o prestígio social dos “favelados” era e é baixo. Bagno (2003) fala que é verdade que o vocábulo gírio surge dentro de um grupo social restrito, antes de vulgarizar-se na linguagem falada por toda comunidade, mas esta comunidade cada vez mais fala gíria, em todos os seus níveis sociais, etários, econômicos e culturais.

Hoje, além do samba e a gíria, temos o *funk*, os bailes que desceram os morros e se instalaram nas boates ou danceterias dos bairros de classe média alta, onde são usadas as mesmas linguagens usadas nas favelas (gírias de grupos), contribuindo para que a classe média alta também adquira a gíria e esta saia do âmbito da favela e se transforme em gíria comum. Normalmente as gírias usadas nas letras de *funk* são apelativas e relativamente ligadas ao cotidiano de quem vive à margem da sociedade. Nos *funk*'s encontramos apelos sexuais, violência, droga, paz, todo o contexto ligado ao morro, visto que a vida desses sujeitos (compositores de *funk*) está intimamente ligada a esses temas, seja pela busca do prazer, forma de sobrevivência, pelo consumo de drogas, ou outra forma de prazer e de fuga da realidade a que pertencem.

A sociedade vê a gíria como uma variante de baixo prestígio, pois está ligada a linguagem do jovem inconseqüente, das pessoas sem cultura, ou as gírias de grupo (calão) que está conectada a atividades marginais, o que para muitos surge como preconceito, no entanto quando essas gírias saem da extensão privada e se convertem na linguagem pública, tornam-se uma linguagem comum e usada por todos. E para que esta continue sendo aceita, sem preconceitos, é importante que os usuários da linguagem, utilizem-na no âmbito correto.

Uchôa (*Superinteressante*, 1996) comenta que não devemos passar a idéia de que a gíria é uma linguagem empobrecedora, pois ela tem o papel de renovação da língua.

A TERMINOLOGIA USADA NOS DICIONÁRIOS
PARA A DEFINIÇÃO DE GÍRIA

Há diversas gírias no português brasileiro, que muitas vezes, são confundidas com verbetes, mesmo com o uso indispensável dos dicionários, visto que estes têm terminologias distintas relacionada ao conceito dos vocábulos gírios.

A população brasileira se expressa melhor com as gírias do que com os verbetes dos dicionários, isto se dá, devido ao pouco hábito de leitura, sem falar na praticidade da gíria na comunicação informal, já que esta é falada com muita freqüência no cotidiano dos brasileiros. Para tanto, Coseriu (1982, p. 17) afirma que a linguagem se apresenta como um fenômeno multifacetado, e que as confusões e parcializações ocorrem com facilidade, além de poder, sem maiores dificuldades, suceder que se tome por essencial e primário o que é secundário, acessório e derivado. É comum então, que falemos o que ouvimos com maior freqüência, no entanto uma ressalva, há necessidade de saber onde e como usá-la, visto que, como disse Coseriu, trata-se de acessório e não deve tomar o lugar de palavras conceituadas no falar do português brasileiro.

A língua reflete as transformações sociais de uma comunidade falante, e a parte mais sensível é o léxico. O saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido manifesta-se no léxico da língua, operada pelos falantes que por ela articulam as suas idéias e pensamentos. É ainda pelo léxico que se expressam as designações que rotulam as mudanças, ou o movimento histórico da humanidade. Gardin (1983, p. 24) ressalta que a língua é o reflexo do povo, a memória coletiva em que este se deposita a transmitir às relações futuras, é o povo que influencia a língua. E para que essa memória não se perca, é indispensável que se registre.

Um dos maiores movimentos históricos da variação linguística no Brasil, é a gíria, pois quando esta “evolui” para linguagem comum e permanece por algum tempo sendo utilizada por falantes de grupos linguísticos distintos, esta pode perpetuar, isto é, entrar para o dicionário da língua portuguesa, no entanto, há contrastes entre os dicionários, quando se trata de conceituar os vocábulos gírios, já que, estes não entram em acordo sobre que terminologia usada na classificação das palavras que são consideradas gírias. Alguns dicionários,

como vimos anteriormente neste trabalho, registram “gíria” como linguagem informal, outros utilizam “gíria” acompanhada da palavra “popular”. De acordo com a Revista *Voz das Letras*, “a palavra curtir que em QUE (1999 s.v. curtir) e MiE (1998 s.v. curtir) é imputado como “gíria”, significando “desfrutar”, ao passo que em HouE (2001 s.v. curtir) é marcado como informal”.

Essas diferentes denominações para determinado um vocábulo gírio, podem acarretar dúvidas, já que, a intenção do dicionário é desbaratar dúvidas e não causá-las. Neste caso, o examinador poderá não saber se a palavra que está usando se ajusta em gíria ou apenas um verbete informal, que poderá não ser gíria.

A revista *Voz das Letras*, comenta também, que as palavras que são usadas em massa como: legal, bárbaro, grana e bronca, por exemplo, passaram da condição de grupo restrito (jovens rebeldes das décadas de 50 e 60 no Brasil, cujo nome era Jovem Guarda), para grupo comum, falado por todos os grupos, sem classificar faixa etária, sexo, cultura, etc.

Saussure (*apud* Garmadi, 1983, p. 14) diz que a língua é um sistema de signos depositados pela prática da palavra na massa falante que o sistema é produzido por uma cristalização social, que a natureza social é uma característica interna do sistema, que não há realidade lingüística fora da duração e da massa falante, que só o tempo permite às forças sociais exercer os seus efeitos sobre a língua, etc.

Pensando de acordo com o referido por Saussure, verificamos que a gíria é um signo lingüístico muito utilizado, neste caso, pela massa brasileira, ou seja, palavras que surgem e são concretizadas com o tempo pela sociedade, e que é tão evidente, na fala das pessoas, na mídia e na comunicação em geral, que o sistema se torna incapaz de negar a nova palavra, isto é, os usuários da gíria, de forma indireta, fazem com que esta se perpetue nos dicionários, pois é falada pela totalidade e essa totalidade pode, embora raramente, recorrer ao dicionário para verificar determinada vocábulo gírio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo sobre as gírias brasileiras, a partir de uma perspectiva descritiva, pôde evidenciar que os vários usuários de gírias,

são determinados, principalmente pelas características extralingüísticas.

Nesta pesquisa, observamos que a maioria dos brasileiros, independente de classe social, raça, faixa etária, sexo, etc., usam a gíria comum, que para Preti é apenas gíria, visto que se é falada por todos os grupos já se tornou comum, seria redundante. Além da gíria comum existe a gíria de grupo, que é exclusiva ou restrita, apenas a determinado grupo. No entanto, quando esta nova palavra é descoberta e torna-se pública, manifesta-se apenas como gíria comum.

A breve história sobre as gírias se demonstra interessante, visto que segundo Nascentes, desde o século XIX, ela surge de grupos economicamente desfavorecidos, o que não é diferente neste século XXI, já que de acordo com pesquisas, percebemos que as gírias ainda saem das periferias (favelas, morros ou guetos), especialmente em se tratando do *funk*, que é o grande “distribuidor” de novas palavras brasileiras, e como tem o apoio da mídia, veicula com maior rapidez, além de cantar, os usuários ajustam as “gírias” do *funk*, na comunicação cotidiana. Além da mídia, há a invasão dos grupos de *funk*, que romperam as barreiras socioeconômicas e desceram do morro para se instalarem nas danceterias de classe média alta, favorecendo, assim, a entrada das gírias, feitas nas periferias, na comunicação da classe média alta.

Para tanto, há no Brasil, uma grande dificuldade em saber o que é considerado gíria ou não-gíria, pois os dicionários não entram em concordância em relação à terminologia usada para definir as diversas gírias, pois alguns usam linguagem informal, outros “gíria” e “popular”, causando confusão entre os usuários que examinam os dicionários, para satisfazerem as suas dúvidas.

Nesta oportunidade, pudemos mostrar uma visão parcial dos vocábulos gírios, sua breve história e formação, as quais apresentam fortes evidências de que a gíria é uma variação em constante evolução e tem um papel fundamental na formação do léxico.

REFERÊNCIAS⁴

- BEZERRA, M. A; MAIOR, A. C. S; BARROS, A. C. S.
http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03_37-51.html, acesso em 26/01/2008.
- CAZARRÉ, Lourenço. Linguagem: Palavrões, gírias e anglicismos. **In:** *Boletim da ANJ* – Associação Nacional dos Jornais, novembro de 1997. Disponível em www.portrasdasletras.com.br/pdt12/sub.php?op=polemica/docs/palavroesgurias, acesso em 27/01/2008.
- COSERIU, Eugênio. *O homem e a sua linguagem*. Eugênio Coseriu, tradução de Carlos Alberto da Fonseca [e] Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo. USP, 1982.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3ª ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Livros Horizonte, 1990.
- NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes organizado por Raimundo Barbadiño Neto; apresentação de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- RODRIGUES, Salatiel, F. A gramática do pobre. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(4\)3-11.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(4)3-11.html). Acesso em 27/01/2008.
- SANTOS, César Augusto dos. *Perspectivas de delimitação da gíria no português brasileiro e sua marcação nos dicionários*. UFRGS. Revista Voz das Letras. 2007.
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67260.shtml>, acesso em 27/01/2008.

⁴ Algumas obras citadas foram omitidas nestas "Referências".